

PENSANDO AS LICENCIATURAS 2

Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)

 **Atena**
Editora

Ano 2019

Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)

Pensando as Licenciaturas 2

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Lorena Prestes e Karine de Lima

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P418 Pensando as licenciaturas 2 [recurso eletrônico] / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Pensando as Licenciaturas; v. 2)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia.

ISBN 978-85-7247-118-3

DOI 10.22533/at.ed.183191202

1. Educação. 2. Professores – Formação. 3. Pesquisa – Metodologia. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza. II. Série.

CDD 373.1122

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Este é o segundo da obra “Pensando as licenciatura, produzida colaborativamente por docentes e discentes de Programas de Pós-Graduação . Nos vinte e seis capítulos que a compõem a obra, buscou-se esboçar um panorama dos estudos que vêm sendo realizados nas Universidades e nos Institutos Federais de Educação Ciência e Tecnologia nos últimos anos, os temas são diversificados. A partida foi dada no volume I e ainda não terminamos, o assunto é instigante e o processo de leitura ainda não basta, porque devemos nos conhecer! Em sentido mais amplo, o espectro das pesquisas desenvolvidas nesta obra abarca questões de diversos tipos, desde aquelas que tratam da gênese do conhecimento das ciências e da pedagogia, matemática, química e dos objetivos da educação científica, das relações entre ensino e aprendizagem, das vinculações entre ciências e as questões socioculturais, da interação entre saberes científicos e cotidianos, da ciência e da técnica como culturas e forças produtivas, até as que abordam sobre o desenvolvimento de propostas curriculares envolvendo didáticas específicas ou modelos de avaliação diferenciados de processos escolares. “Porque sou feito de energia e tenho ecos, vibrações. E se você está inerte, eu posso ser a gravidade. Porque sou feito de energia e tenho ecos, vibrações. O caminho é incerto, assim como a vida mas basta o acreditar, caminhar firme e saber que o fio condutor da felicidade é fazer o que realmente gostamos”.

Licenciature-se

No artigo AVALIAÇÃO DAS CARACTERÍSTICAS FÍSICO-QUÍMICAS DO LEITE CRU SEM INSPEÇÃO COMERCIALIZADO NO MUNICÍPIO DE CAXIAS, MA os autores José Manoel de Moura Filho, Liane Caroline Sousa Nascimento, Joyce Bitencourt Athaide Lima, Rodrigo Maciel Calvet avaliar os parâmetros físico-químicos do leite cru comercializado sem inspeção em diferentes pontos comerciais no município de Caxias, No artigo BIOÉTICA NA EDUCAÇÃO CIÊNTEFICA: A IMPORTANCIA DA EMPATIA NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM, o autor Vinícius Lurentt Bourguignon busca realizar uma análise das contribuições biológicas e filosóficas para a consideração moral com os animais não humanos, e teve como objetivos; avaliar os conhecimentos e opiniões de alunos universitários em relação a ética e a experimentação animal em seus devidos cursos, verificar a existência de relações entre as opiniões e respostas de empatia dos alunos iniciantes e finalistas quanto à experimentação animal, e verificar a existência de relações entre as variações nas respostas de empatia com o especismo. NO ARTIGO CÁLCULO E A APLICAÇÃO DA LEI DO RESFRIAMENTO DE NEWTON (Alison Vilarinho Pereira da Costa, Elisangela Rodrigues de Sousa Leite Lima, Flaviano Moura Monteiro, Gideônio Barros Mendes, Vitória Fernanda Camilo da Silva) busca analisar os dados percebemos que o bloco de cerâmica perde a temperatura mais rapidamente assim como uma diferença entre o resultado obtido pelo modelo matemático da lei de Newton e aquele obtido nas mensurações das temperaturas, fato esse justificado pelo não controle da temperatura ambiente que é

base da lei de Newton. No artigo CUIDADOS COM A INFÂNCIA E EDUCAÇÃO ESCOLAR: O PENSAMENTO MÉDICO HIGIENISTA NO SÉCULO XIX, o autor Leandro Silva realizou análise de 16 teses, desenvolvidas no formato dissertativo, que tinham o intuito de conferir o título de médico aos alunos dessa faculdade, oriundos de diferentes regiões do Brasil. No artigo A CULTURA COMO LIGAÇÃO ENTRE ENSINO E EDUCAÇÃO, o autor Marcelo Ramão da Silveira Barbosa, identificou por meio de pesquisas que o brasileiro tem pouco contato com atividades culturais, denunciando um vazio que precisa ser preenchido por iniciativas que visem criar e manter a vontade de consumir cultura, como um dos elementos de criação de qualidade de vida e levar ao indivíduo se perceber como parte integrante do mundo e se inserir em sua comunidade se sentindo pertencente a ela. No artigo CURSO DE LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA: FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES EM PEDAGOGIA, os autores Silvia Maria Alves de Almeida e Suzi Laura da Cunha, buscam repensar os desafios da formação dos professores indígenas na licenciatura em Pedagogia. No artigo DE UM ENSINO INCLUSIVO A UMA ESCOLA INCLUSIVA: UM CONVITE À REFLEXÃO, os autores Maria Rosilene de Sena, Karyn da Silva Pereira, Márcia Beatriz Morais Castro Meireles, Rosélia Neres de Sena, Waléria Pereira de Araújo buscaram conhecer as concepções de escola e em ensino inclusivos estabelecendo relações entre a visão dos profissionais da educação, os teóricos e a realidade observada. No artigo DESAFIOS DO ENSINO DE BIOLOGIA EVOLUTIVA NA FORMAÇÃO DE LICENCIADOS EM BIOLOGIA, a autora Adriane Barth, buscou identificar as perspectivas de futuros professores de Biologia sobre trabalhar a disciplina de Biologia no Ensino Médio sob a perspectiva da evolução biológica. O artigo DESAFIOS E REALIDADE NA FORMAÇÃO DOCENTE PARA A EDUCAÇÃO DO CAMPO NO IFMA: A CONTRIBUIÇÃO DO PIBID DIVERSIDADE, o autor Elias Rodrigues de Oliveira buscou descrever de forma reflexiva sobre o conceito de educação do campo frente à realidade desse estado e a importância do Programa de Bolsa de Iniciação à Docência, na formação de futuros professores para atuação no campo. No artigo DIDÁTICA E PRÁTICAS DE ENSINO: DISTINÇÃO NECESSÁRIA À CULTURA QUÍMICA Amanda de Magalhães Alcantara Juliana Alves de Araújo Bottechia, os autores investigação da formação de professores em Química, mais especificamente, à possibilidade da abordagem didática em sala de aula por meio da Cultura Química como prática pedagógica, em um trabalho de Iniciação Científica aprovado pela Pró – Reitora de Pesquisa e Pós – graduação da Universidade Estadual de Goiás – UEG. No artigo DIMENSÕES E PRESSUPOSTOS DA FORMAÇÃO DOCENTE: DESAFIOS PARA A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL, os autores Leandro Hupalo, Adriana Richit, a autora busca organizar um quadro de formação docente no Brasil, explicitando as dimensões e conhecimentos pertencentes a esse processo, sobretudo aqueles pertencentes à educação profissional. No artigo DISCURSO SOBRE O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA EM GRADUAÇÃO DE DIREITO: UMA ANÁLISE DE EMENTÁRIOS, a autora Rossaly Beatriz Chioquetta Lorenset

estudo buscou investigar as (des)construções do imaginário de ensino de Língua Portuguesa em graduação de Direito, olhando para os saberes linguísticos mobilizados, à luz da Análise de Discurso francesa em diálogo com a História das Ideias Linguísticas. No artigo DISTORÇÃO IDADE-SÉRIE NO ENSINO FUNDAMENTAL EM ESCOLA PÚBLICA DE CAMPO LARGO DO PIAUÍ-PI, os autores Thalita Brenda dos Santos Vieira, Lucas dos Santos Silva, Rayane Erika Galeno Oliveira, Thaís Alves Carvalho Elenice Monte Alvarenga, os autores buscaram identificar os fatores que contribuem para o fenômeno da distorção idade-série em escola pública do município de Campo Largo do Piauí-PI. No artigo EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA CASA FAMILIAR RURAL PADRE JOSINO TAVARES EM BOM JESUS DAS SELVAS - MA COMO AÇÃO DO PIBID DIVERSIDADE, os autores Anderson Henrique Costa Barros Daiara, Mendes da Costa, Raquel dos Santos Sousa realizou um trabalho que versa sobre as atividades realizadas durante as ações do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência para a Diversidade – PIBID Diversidade realizadas na Casa familiar Rural Padre Josino Tavares no Município de Bom Jesus das Selvas – MA. No ensino ENSINO DE QUÍMICA: PERFIL E CONDIÇÕES DE TRABALHO DOCENTE NAS ESCOLAS DE REFERÊNCIA EM ENSINO MÉDIO (EREM'S) os autores Dyovany Otaviano da Silva, Katharine Ninive Pinto Silva analisam os impactos do trabalho docente no Ensino de Química nas diferentes jornadas existentes atualmente no Ensino Médio Regular da rede estadual de ensino do estado de Pernambuco. No artigo EQUIPES NA ORGANIZAÇÃO ESCOLAR E OS DESAFIOS DA INCLUSÃO, a autora Eliane Rosa propõe uma reflexão à ampliação da busca constante de apoio no que se refere à inclusão de alunos com necessidades especiais de aprendizagem na rede de ensino em todas as suas esferas de atendimento. No artigo EVASÃO ESCOLAR NAS SÉRIES FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL, os autores Matheus Ladislau Gomes de Oliveira, Francisco Valdimar Lopes Agostinho, Raiane de Brito Sousa, Paulo Sérgio de Araujo Sousa, Elenice Monte Alvarenga objetivou abordar os aspectos que vem contribuindo para a ocorrência da evasão escolar em séries finais do ensino fundamental em escolas públicas de São João do Arraial-PI. No artigo ESTÁGIO EM EDUCAÇÃO DO CAMPO NA ÁREA DE CONHECIMENTO MATEMÁTICA, o autor Jonhnatan dos Santos Barbosa – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia/UFRB – Bahia, buscou apresentar as experiências de uma atividade desenvolvida durante o estágio obrigatório no ensino fundamental II do curso de Licenciatura em Educação do Campo com Habilitação em Matemática. No artigo FORMAÇÃO DO EDUCADOR INFANTIL: DESAFIOS E PERSPECTIVAS NA CONTEMPORANEIDADE, a autora Simone Rodrigues Batista Mendes investigar a formação de professores na Educação Infantil no curso de pedagogia. No artigo GESTÃO DEMOCRÁTICA: A PERSPECTIVA DE ALGUNS GESTORES DE UMA ESCOLA PÚBLICA ESTADUAL DO MUNICÍPIO DE JUÍNA – MT, os autores Anderson Medeiros Dalbosco, Abadia Santana Lima, Elis Regina dos Reis Zocche Rios, Fábria Nogueira Porto, Jussara Ramos de Oliveira, buscaram averiguar a efetividade da gestão democrática de uma escola estadual do

município de Juína, Mato Grosso, com base na opinião de uma diretora e uma coordenadora membros do quadro de funcionários desta escola. No artigo HOMENS QUE ESTUDARAM NO MAGISTÉRIO NA DÉCADA DE 1960: ERA MINORIA? CONTINUARAM A TRABALHAR COMO PROFESSOR? Os autores Marcia Schlapp, Wellington Castellucci Júnior buscaram demonstrar o resultado das pesquisas realizadas, enquanto integrante do Projeto Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID em 2016. No artigo IDENTIFICAÇÃO DA PRESENÇA DO Staphylococcus spp, DE LEITE DE VACAS COM MASTITE SUBCLÍNICA, NAS PROPRIEDADES LEITEIRAS DA ILHA DE SÃO LUIS, os autores José Manoel de Moura Filho Liane Caroline Sousa Nascimento, Adeval Alexandre Cavalcante Neto, Rodrigo Maciel Calvet, buscou nesse experimento identificar a presença Staphylococcus spp, em leites de vacas com mastite subclínica das propriedades leiteiras da Ilha de São Luis, por meio do California Mastitis Tests (CMT) e das provas de catalase, hemólise e coagulase. No artigo INCLUSÃO DO CEGO: Um estudo de caso no Atendimento Educacional Especializado – AEE, a autora Dirlei Weber da Rosa buscou elencar os principais recursos utilizados no AEE para alfabetizar um aluno cego e promover inclusão.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
AVALIAÇÃO DAS CARACTERÍSTICAS FÍSICO-QUÍMICAS DO LEITE CRU SEM INSPEÇÃO COMERCIALIZADO NO MUNICÍPIO DE CAXIAS, MA	
José Manoel de Moura Filho Liane Caroline Sousa Nascimento Joyce Bitencourt Athaide Lima Rodrigo Maciel Calvet	
DOI 10.22533/at.ed.1831912021	
CAPÍTULO 2	6
BIOÉTICA NA EDUCAÇÃO CIÊNCIA: A IMPORTANCIA DA EMPATIA NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM	
Vinícius Lurentt Bourguignon	
DOI 10.22533/at.ed.1831912022	
CAPÍTULO 3	36
CÁLCULO E A APLICAÇÃO DA LEI DO RESFRIAMENTO DE NEWTON	
Alison Vilarinho Pereira da Costa Elisangela Rodrigues de Sousa Leite Lima Flaviano Moura Monteiro Gideône Barros Mendes Vitória Fernanda Camilo da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.1831912023	
CAPÍTULO 4	46
CUIDADOS COM A INFÂNCIA E EDUCAÇÃO ESCOLAR: O PENSAMENTO MÉDICO HIGIENISTA NO SÉCULO XIX	
Leandro Silva de Paula	
DOI 10.22533/at.ed.1831912024	
CAPÍTULO 5	57
A CULTURA COMO LIGAÇÃO ENTRE ENSINO E EDUCAÇÃO	
Marcelo Ramão da Silveira Barbosa	
DOI 10.22533/at.ed.1831912025	
CAPÍTULO 6	70
CURSO DE LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA: FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES EM PEDAGOGIA	
Sílvia Maria Alves de Almeida Suzi Laura da Cunha	
DOI 10.22533/at.ed.1831912026	
CAPÍTULO 7	80
DESAFIOS DO ENSINO DE BIOLOGIA EVOLUTIVA NA FORMAÇÃO DE LICENCIANDOS EM BIOLOGIA	
Adriane Barth	
DOI 10.22533/at.ed.1831912027	

CAPÍTULO 8 88

DE UM ENSINO INCLUSIVO A UMA ESCOLA INCLUSIVA: UM CONVITE À REFLEXÃO

Maria Rosilene de Sena
Karyn da Silva Pereira
Márcia Beatriz Morais Castro Meireles
Rosélia Neres de Sena
Waléria Pereira de Araújo

DOI 10.22533/at.ed.1831912028

CAPÍTULO 9 95

DESAFIOS E REALIDADE NA FORMAÇÃO DOCENTE PARA A EDUCAÇÃO DO CAMPO NO IFMA:
A CONTRIBUIÇÃO DO PIBID DIVERSIDADE

Elias Rodrigues de Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.1831912029

CAPÍTULO 10 100

DIDÁTICA E PRÁTICAS DE ENSINO: DISTINÇÃO NECESSÁRIA À CULTURA QUÍMICA

Amanda de Magalhães Alcantara
Juliana Alves de Araújo Bottechia

DOI 10.22533/at.ed.18319120210

CAPÍTULO 11 111

DIMENSÕES E PRESSUPOSTOS DA FORMAÇÃO DOCENTE: DESAFIOS PARA A EDUCAÇÃO
PROFISSIONAL

Leandro Hupalo
Adriana Richit

DOI 10.22533/at.ed.18319120211

CAPÍTULO 12 124

DISCURSO SOBRE O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA EM GRADUAÇÃO DE DIREITO: UMA
ANÁLISE DE EMENTÁRIOS

Rossaly Beatriz Chioquetta Lorenset

DOI 10.22533/at.ed.18319120212

CAPÍTULO 13 136

DISTORÇÃO IDADE-SÉRIE NO ENSINO FUNDAMENTAL EM ESCOLA PÚBLICA DE CAMPO LARGO
DO PIAUÍ-PI

Thalita Brenda dos Santos Vieira
Lucas dos Santos Silva
Rayane Erika Galeno Oliveira
Thaís Alves Carvalho
Elenice Monte Alvarenga

DOI 10.22533/at.ed.18319120213

CAPÍTULO 14 142

EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA CASA FAMILIAR RURAL PADRE JOSINO TAVARES EM BOM JESUS
DAS SELVAS - MA COMO AÇÃO DO PIBID DIVERSIDADE

Anderson Henrique Costa Barros
Daiara Mendes da Costa
Raquel dos Santos Sousa

DOI 10.22533/at.ed.18319120214

CAPÍTULO 15	150
ENSINO DE QUÍMICA: PERFIL E CONDIÇÕES DE TRABALHO DOCENTE NAS ESCOLAS DE REFERÊNCIA EM ENSINO MÉDIO (EREM'S)	
Dyovany Otaviano da Silva Katharine Ninive Pinto Silva	
DOI 10.22533/at.ed.18319120215	
CAPÍTULO 16	162
EQUIPES NA ORGANIZAÇÃO ESCOLAR E OS DESAFIOS DA INCLUSÃO	
Eliane Rosa	
DOI 10.22533/at.ed.18319120216	
CAPÍTULO 17	174
EVASÃO ESCOLAR NAS SÉRIES FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL	
Matheus Ladislau Gomes de Oliveira Francisco Valdimar Lopes Agostinho Raiane de Brito Sousa Paulo Sérgio de Araujo Sousa Elenice Monte Alvarenga	
DOI 10.22533/at.ed.18319120217	
CAPÍTULO 18	183
ESTÁGIO EM EDUCAÇÃO DO CAMPO NA ÁREA DE CONHECIMENTO MATEMÁTICA	
Jonhnatan dos Santos Barbosa	
DOI 10.22533/at.ed.18319120218	
CAPÍTULO 19	188
FORMAÇÃO DO EDUCADOR INFANTIL: DESAFIOS E PERSPECTIVAS NA CONTEMPORANEIDADE	
Simone Rodrigues Batista Mendes	
DOI 10.22533/at.ed.18319120219	
CAPÍTULO 20	200
GESTÃO DEMOCRÁTICA: A PERSPECTIVA DE ALGUNS GESTORES DE UMA ESCOLA PÚBLICA ESTADUAL DO MUNICÍPIO DE JUÍNA – MT	
Anderson Medeiros Dalbosco Abadia Santana Lima Elis Regina dos Reis Zocche Rios Fábia Nogueira Porto Jussara Ramos de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.18319120220	
CAPÍTULO 21	205
HOMENS QUE ESTUDARAM NO MAGISTÉRIO NA DÉCADA DE 1960: ERA—MINORIA? CONTINUARAM A TRABALHAR COMO PROFESSOR?	
Marcia Schlapp Wellington Castellucci Júnior	
DOI 10.22533/at.ed.18319120221	
CAPÍTULO 22	213
IDENTIFICAÇÃO DA PRESENÇA DO STAPHYLOCOCCUS SPP, DE LEITE DE VACAS COM MASTITE SUBCLÍNICA, NAS PROPRIEDADES LEITEIRAS DA ILHA DE SÃO LUIS	
José Manoel de Moura Filho	

Liane Caroline Sousa Nascimento
Adeval Alexandre Cavalcante Neto
Rodrigo Maciel Calvet

DOI 10.22533/at.ed.18319120222

CAPÍTULO 23 218

INCLUSÃO DO CEGO: UM ESTUDO DE CASO NO ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO
- AEE

Dirlei Weber da Rosa

DOI 10.22533/at.ed.18319120223

SOBRE A ORGANIZADORA..... 230

EQUIPES NA ORGANIZAÇÃO ESCOLAR E OS DESAFIOS DA INCLUSÃO

Eliane Rosa

INSTITUTO SOUZA

Grupo DIGAMA Educacional /

Faculdade de Administração, Ciências, Educação
e Letras - FACEL

IPATINGA - MG

RESUMO: Este trabalho propõe uma reflexão à ampliação da busca constante de apoio no que se refere à inclusão de alunos com necessidades especiais de aprendizagem na rede de ensino em todas as suas esferas de atendimento. Os docentes precisam se adaptar a esta realidade que já nem é tão nova assim, mas ainda se mostra sensível e carente de recursos, agregarem toda a ajuda possível é com certeza um dos caminhos a se trilhar, em muitas situações o profissional da educação, tanto em sala de aula como fora dela, se depara com situações inesperadas e é nesse momento que contar com a ajuda dos colegas, direção e toda a equipe da escola será uma das maneiras de amenizar essas angústias e encontrar as melhores soluções para muitos casos. O trabalho em equipe não somente no trabalho interdisciplinar do desenvolvimento de conteúdos, mas também como fortalecimento de todos os envolvidos, não ter medo nem vergonha de compartilhar frustrações e pedir ajuda no encaminhamento de demandas que

muitas vezes não são rotineiras e se mostram uma verdadeira incógnita em sua resolução, fortalecer os docentes, buscar apoio de uma rede externa, junto à família e comunidade escolar, contar com os órgãos competentes e se deixar abrir a novas experiências e compartilhar os desafios na educação especial e inclusiva. Os alunos incluídos não são somente os laudados com alguma necessidade especial, mas sim todos aqueles que necessitam de alguma forma de atendimento para acompanhar o processo escolar, emocional e social.

PALAVRAS-CHAVE: Diferença. Equipe. Escola. Inclusão.

ABSTRACT: This work proposes a reflection to the enlargement of the constant search of support in what refers to the students' inclusion with special needs of learning in the teaching net in all their service spheres. The teachers need to adapt her/it this reality that already nor it is that new, but it is still shown sensitive and lacking of resources, they join all the possible help is with certainty one of the roads the if it treads, in a lot of situations the professional of the education, so much in classroom as out of her, comes across unexpected situations and it is on that moment that to count with the friends' help, direction and the whole team of the school will be one in the ways of to soften those anguish and to find the best solutions for many cases.

The work in team not only in the interdisciplinary work of the development of contents, but also as invigoration of all involved them, not to have fear nor shame of to share frustrations and to ask help in the direction of demands that a lot of times are not routine and they are shown a true unknown in his/her resolution, to strengthen the teachers, to look for support of an external net, close to the family and school community, to count with the competent organs and if he/she lets to open to new experiences and to share the challenges in the special and inclusive education. The included students are not only the report with some special need, but all those that need some service form to accompany the process school, emotional.

KEYWORDS: Difference. Team. School. Inclusion.

1 | INTRODUÇÃO

Quando falamos em inclusão são diversas as questões que se estabelecem em torno do assunto, a legislação é vasta e procura preencher todas as lacunas, mas no cotidiano das escolas em sua prática diária a legislação não se cumpre. Gestores, professores, colaboradores, famílias, alunos considerados de inclusão ou não, conhecem esta realidade, falta preparo dos profissionais em toda a estrutura escolar, as famílias buscam apoio na rede que deveria estar pronta para dar este apoio e muitas vezes não são atendidas, ficando a escola como único lugar em que ainda podem buscar algum auxílio.

Estarem preparados para esta realidade exige dos profissionais da educação muito mais que conhecimento teórico, é preciso contar com o apoio um do outro no dia a dia escolar, superar os desafios diários encontrando colaboração junto a todos os envolvidos. Mencionamos que “um cuidado a ser tomado é o de que o desejo de analisar e refletir sobre as práticas não assuma a dimensão de puro ativismo, o que acabaria por prejudicar a melhoria dos desempenhos individuais e organizacionais”. (RIBEIRO, 2007, p.37).

No trabalho em equipe o compartilhamento de conhecimentos, habilidades e atitudes na busca da melhor forma possível de tornar a inclusão acessível a todos, se sentir incluído desde o aluno até a direção, não só os alunos incluídos precisam sentir-se realmente incluídos é preciso que toda a comunidade escolar se sinta incluída, sendo parte de um todo realizando a partir das diferenças um trabalho coletivo e verdadeiramente incluso.

“A noção de outro ressalta que a diferença constitui a vida social, à medida que esta se efetiva através das dinâmicas das relações sociais. Assim sendo, a diferença é, simultaneamente, a base da vida social e fonte permanente de tensão e conflito”. (VELHO & ALVITO, 1996, p.10).

Precisamos perceber e sermos sensíveis ao que ocorre no dia a dia, de como o outro nos olha, porque é diante destas situações que nos constituímos, nos construímos

e desconstruímos, conduzimos mudanças que afetarão nosso ser.

2 | EQUIPES NA EMPRESA CHAMADA ESCOLA E OS DESAFIOS DA INCLUSÃO

A Lei em relação à inclusão escolar (LDB Lei nº 9394/96) também veio com este movimento de participação de luta pela igualdade de direitos a pessoa portadora de deficiência. Em 1994 a ONU faz publicar a Declaração de Salamanca, na Conferencia Mundial sobre Necessidades Educativas Especiais em Salamanca na Espanha, definindo-se princípios norteadores da Educação Inclusiva:

[...] toda criança tem direito fundamental à educação; cada criança tem características, interesses, capacidades e necessidades de aprendizagem própria; as pessoas com necessidades educativas especiais devem ter acesso às escolas comuns cuja pedagogia deve ser centralizada na criança; as escolas integradoras representam melhoria no ensino, garantem educação para todos e combatem a discriminação”. (UNESCO, Declaração de Salamanca, 1994, p.1).

A proposta de construção de cidadania baseia-se num paradigma inclusivista, isto é, a crença de uma sociedade justa para todos os seus cidadãos, que vai para muito além dos muros das escolas, pois envolve todos os segmentos da sociedade que deve se modificar para receber todos os seus membros, aceitando as diferenças, convivendo com a diversidade humana. “À primeira vista pode parecer uma redundância pensar em educação inclusiva, uma vez que, pelo menos teoricamente, o sistema educacional deveria contemplar todos os cidadãos, sendo por tanto uma pratica de inclusão social por excelência” Ghirardi (apud SMED GRAVATAÍ, 2004, p.32).

O modelo inclusivo, se efetivamente trabalhado é uma proposta de superação de atitudes e comportamentos de exclusão e discriminação, não só em relação às pessoas portadores de deficiência, mas a todas as minorias excluídas.

Segundo Sasaki (apud SMED GRAVATAÍ, 2004, p.43), dentro da educação a deficiência tem sua historia marcada por quatro fases. A primeira, anterior ao século 20, foi da exclusão, eram considerados inválidos e inúteis. A segunda, no século 20, foi da segregação, eram mantidos em grandes instituições, fora do convívio social. A terceira, na década de 70, é da integração, eles passam a frequentar a escola regular e devem se adaptar a ela. Finalmente a quarta fase, na década de 80 é da inclusão que traz a necessidade de adaptar o sistema escolar às necessidades de seus usuários.

Precisamos acreditar que a inclusão é uma questão maior que a própria deficiência e esta posta para todos nós. Uma escola inclusiva deve abranger todos os alunos, independente de suas diferenças.

Estando preparada ou não a escola recebe estes alunos que necessitam um atendimento diferenciado, alguns conseguem garantir um monitor para acompanhá-lo durante as aulas ajudando o professor, mas é minoria a maioria dos casos o professor precisa dar conta de mais de um aluno com uma necessidade diferente um do outro.

Então como atender esses alunos de forma digna, com respeito as suas necessidades específicas, incluí-lo, ensiná-lo, garantindo-lhe um mínimo de aprendizado no ensino público e com qualidade.

São muitos os desafios, mas é preciso uma organização interna da escola, buscar junto ao seu quadro de pessoal elevar a qualidade no atendimento a esses alunos, não é uma tarefa fácil, mas se fosse não seria dada a outro segmento da sociedade que não fosse o da educação.

O Projeto Político Pedagógico precisa deixar claro este compromisso da instituição escolar, nortear seus objetivos e contemplar seus projetos e angústias apontando caminhos de colaboração junto a toda comunidade escolar.

O profissional docente que é quem estará ligado diretamente à relação de ensino-aprendizagem destes alunos inclusos e diferentes entre si, precisará se reinventar, inovar suas praticas e seguir alguns novos critérios pedagógicos, podemos relacionar entre eles:

- Rede de apoio
- Aprendizagem cooperativa
- Trabalho em equipe

Contar com uma rede de apoio, dentro e fora da escola com demais profissionais e voluntários para assegurar um amplo atendimento aos alunos que dele necessitem. Compartilhamento de aprendizagens dentro e fora do ambiente escolar, integrado entre todos os alunos, ampliando conhecimentos e atitudes junto à comunidade escolar.

No século XXI o aluno é um elemento essencial na elaboração do currículo, no final do século XX a sociedade apresenta-se mais complexa, global, interdependente, rica em informação, mais tecnológica e inclusiva. O mundo do trabalho vai requerer ainda mais habilidades de lidar com as informações e trabalhar com pessoas (pensamento de alto nível e adaptação), eternos aprendizes. A escola em colaboração entre pessoas, comunidade e alunos e os educadores compartilhando seus poderes e suas responsabilidades na tomada de decisões com seus alunos e toda a equipe escolar, em um clima de respeito mutuo. Incluindo o desenvolvimento de valores, atitudes e caráter, ensinando com opções abrangentes e fluidas. Uma pratica humanista, comunicativa, com informações e habilidades para resolver problemas, arranjos cooperativos no ensino, na defesa de direitos e na liderança de uma proposta inclusiva que englobe todos os envolvidos.

A criação de uma escola inclusiva, é uma escola onde todos os alunos sintam-se reconhecidos, valorizados e respeitados, envolve cuidar dos conteúdos ensinados e da maneira como o currículo é transmitido, criando oportunidades com uma adaptação sensível preservando as escolhas, flexibilizando os relacionamentos criando parceria entre os grupos aprendendo a assumir sua própria educação e suas próprias vidas.

O objetivo da inclusão não é de apagar as diferenças, mas o de que todos os alunos pertençam a uma comunidade educacional que valide e valoriza sua individualidade.

Segundo Tassoni (apud LEITE, 2011, p. 28), o que se diz, como se diz, em que momento e por quê – da mesma forma que o que se faz, como se faz, em que momento e por quê – afetam profundamente as relações professor-aluno e, conseqüentemente, influenciam diretamente o processo de ensino-aprendizagem, ou seja, as próprias relações entre sujeito e objeto. Nesse processo de inter-relação, o comportamento do professor, em sala de aula, através de suas intenções, crenças, seus valores, sentimentos e desejos, afeta cada aluno.

O ato de ensinar envolve grande cumplicidade entre todos os envolvidos no processo e principalmente o professor, desde o planejamento de suas decisões, suas interações na busca da compreensão de quem aprende.

Leite, ressalta alguns aspectos a serem vislumbrados na prática do cotidiano escolar:

Recursos humanos e materiais suficientes, estratégias de investimento na formação do professor e a existência de uma prática pedagógica construída coletivamente na escola são algumas das condições fundamentais para se desenvolver uma ação pedagógica com objetivos e práticas comuns; além disso, deve-se também prever condições para que os professores exerçam a reflexão contínua sobre suas práticas em sala de aula. Assim, é possível que se vivenciem relações permeadas de sentimentos de justiça, cooperação, compreensão e valorização pessoal entre todos os membros e segmentos da instituição escolar (alunos, professores, coordenadores, diretores e funcionários). Deve-se acreditar que os esforços individuais podem frutificar as práticas coletivas, se conseguirem contagiar outras pessoas da comunidade escolar. Desse modo, promove-se uma ampliação das condições de interação vividas dentro da classe para um âmbito cada vez maior, em que as atitudes tornem possível a busca da realização de todos os envolvidos (LEITE, 2011, 42);

Sabemos que mudanças são difíceis, mas não impossíveis, devemos buscar alternativas aos nossos impasses, confrontando problemas e soluções de forma coletiva, agregando todos ao redor de um objetivo comum, o processo poderá ser lento e até doloroso, mas precisamos acreditar que as realizações acontecerão sempre a partir do momento que o primeiro passo for dado.

3 | APREENDENDO COM AS DIFERENÇAS PARA TRABALHAR EM EQUIPE

As mudanças aceleradas, a evolução tecnológica, a globalização, introduzem em nosso cotidiano uma complexidade sempre crescente a todas as instituições públicas ou privadas, onde a busca constante por melhores resultados se apresentam como um constante desafio, esses resultados não são somente no lucro em espécie, mas também no capital intelectual dos membros dessas organizações.

No caso das escolas se tornam essenciais a valorização do potencial criativo e

inovador de todos os colaboradores. O desenvolvimento de equipes autogerenciáveis, gestão de conflitos, ajudaram a desenvolver o potencial intelectual direta ou indiretamente.

A velocidade das mudanças no mundo moderno, que o sofisticado hoje já não será mais amanhã, a tecnologia, a internet, nos sobrecarrega de informações diariamente e essas mudanças aceleradas já chegaram a nossas escolas, nossos docentes precisam estar conectados e atualizados, dividindo informações e conhecimentos com colegas e principalmente com os alunos.

O trabalho em equipe como um diferencial nas relações do processo de ensino-aprendizagem, sabemos que ainda existem em nossas escolas o perfil do professor autoritário, dono da verdade típico da abordagem tradicional, porém se quisermos uma inclusão verdadeira em nossas escolas, iremos precisar de toda a ajuda disponível e isso requer humildade para pedir ajuda quando for preciso, Freire, nos diz:

Que uma prática pedagógica é democrática ou progressista, elas são criadas por nós, em nossa prática e somos coerentes com ela, algumas virtudes são referenciais tais como amorosidade, respeito aos outros, tolerância, humildade, gosto pela alegria, gosto pela vida, abertura ao novo, disponibilidade à mudança, persistência na luta, recusa ao fatalismo, identificação com a esperança, abertura à justiça. Aceitar e respeitar a diferença é uma dessas virtudes sem o que a escuta não se pode dar. O diferente não é o *outro* a merecer respeito é um *isto* ou *aquilo*, tratável ou desprezível. Freire (1996, p.120 e 121).

Ter bom relacionamento com os colegas, saber ouvir, opinar e discutir ideias, são características de quem possui o talento de saber trabalhar em equipe. Quem está no mercado de trabalho já há algum tempo sabe que, ainda que surjam conflitos, duas cabeças pensam melhor do que uma. Mas quem nunca pensou que preferia trabalhar sozinho porque centralizando o trabalho em si “a coisa andaria melhor”?

Há uma explicação para esse receio em relação ao trabalho em equipe. Desde os tempos da escola, quando o professor mandava a turma se dividir em grupos para executar uma tarefa, os alunos aprendiam como é difícil lidar com ideias distintas e, muitas vezes, com a falta de comprometimento dos colegas.

Da escola para frente, uma sucessão de experiências ruins relacionadas ao tema trabalho em equipe é que podem causar restrições ao coletivo. Mesmo os seminários durante a faculdade e até o trabalho de conclusão de curso da graduação. O individualismo, por sua vez, está com os dias contados no atual mundo globalizado. Tanto é que consultores de carreira são taxativos: se você quiser sobreviver no meio corporativo terá de aprender a lidar e trabalhar com os outros.

O trabalho em equipe pode também ser descrito como um conjunto ou grupo de pessoas que se dedicam a realizar uma tarefa através do esforço coletivo. Mas e quando nem todos se esforçam? Seja no ambiente corporativo, acadêmico ou mesmo em pequenos projetos, é comum vermos problemas decorrentes deste tipo de postura.

A primeira coisa que precisamos saber para ter sucesso em uma organização que

prioriza o coletivo é fazer uma distinção clara do que é trabalho em grupo e trabalho em equipe. Equipe quer dizer comprometimento. Trata-se de um grupo de pessoas com um objetivo comum que batalham por sua conquista e respeitam as características e competências individuais de cada um. Um não se sobrepõe ao outro. Trabalham em conjunto, aproveitam o que cada um tem a oferecer, ao contrário do que acontece em um grupo sem foco, sem objetivo.

Podemos acrescentar que o incentivo é um fator indispensável ao colaborador da instituição fazendo com que ele se sinta valorizado no seu próprio trabalho o que influirá positivamente na boa qualidade do seu desempenho. Este incentivo deve vir especialmente da chefia imediata (a quem cabe estimular o espírito de equipe), de modo que se promovam a melhoria dos processos humanos e a sua adequada utilização.

O autoconhecimento, o autodesenvolvimento e a liberação das potencialidades dependem de fatores, tais como:

- comunicação como forma de facilitar a realização do trabalho;
- incentivo à liderança como estratégia de percepção/descoberta de habilidades inatas;
- definição precisa dos papéis de cada um dos participantes nos diferentes grupos organizacionais com a definida caracterização de níveis e instancias de participação, e níveis de autonomia e autoridade;
- resolução de problemas e tomada de decisões;
- estabelecimento de normas explícitas de funcionamento do grupo, negociadas, compartilhadas e construídas com a participação de todos (respeitados os níveis e instancias de participação);
- estímulo à cooperação interpessoal;
- desenvolvimento de habilidades por meio de uma criteriosa seleção de atividades de treinamento. Ribeiro (2007, p. 58 e 59).

Seja qual for à meta a ser atingida, o que mais se espera de uma equipe é o resultado. Para isso é preciso tempo para ajustar as diferenças individuais de cada um (postura, prontidão, percepção, relacionamento...). Essas diferenças bem administradas influenciam e muito na construção de uma boa atmosfera de equipe, de confiança e de compartilhamento, é conseguida por um árduo trabalho de liderança, capaz de conciliar os aspectos individuais dos profissionais com as expectativas da instituição e os por ela atendidos, com essa maturidade dentro da equipe é possível canalizar estas diferenças em prol do coletivo, aumentando conseqüentemente sua produtividade.

Pessoas e sistemas transformam a organização/escola em uma entidade social. Uma força de trabalho bem motivada compartilhando atitudes e valores adequados

deixarão transparecer o seu comprometimento com a qualidade trabalhando em harmonia. Um planejamento das ações em conjunto agregará recursos, desenvolvimento elevando o potencial de atendimento às demandas institucionais.

Podemos seguir algumas estratégias, com base em Chiavenato (2004) que podem ajudar nessa trajetória:

3.1 Definição de metas: saber aonde se quer chegar.

Esse é um fator relevante em qualquer organização. As metas são importantes porque definem para a equipe o que se espera dela. As metas devem ser passíveis de serem atingidas, desafiadoras e acompanhadas periodicamente. Além disso, a própria equipe pode ser encarregada de encontrar soluções quando as coisas não vão bem. Para isso, também é importante incentivar a participação em encontros e reuniões, que podem ser bem rápidos e constantes, por exemplo, 15 minutos no início do expediente ou da semana. Essa participação contribui para a motivação dos profissionais e para o compartilhamento de informações.

3.2 Praticar constantemente o “feedback”: uma palavra colocada de forma correta faz toda a diferença; comunicação é tudo.

O exercício do “feedback”, palavra que quer dizer “retorno” e que é a alma da comunicação organizacional. Não é fácil realizá-lo, tanto por quem emite, quanto por quem recebe, mas tudo é uma questão de treino e consciência. O importante é comunicar, de uma forma transparente e honesta, visando melhorias dos processos e das pessoas.

3.3 Reconhecimento: satisfação pessoal e profissional.

Reconhecer, premiar e investir os profissionais da instituição é também muito importante. Isso pode ser feito de várias formas: participação nos lucros ou resultados (verificar legislação), homenagens (colaborador do mês), apoio para participação em cursos de atualização e de desenvolvimento pessoal - e também em atitudes simples, como por exemplo, dar os parabéns quando algo tiver sido bem feito. O reconhecimento tem um forte significado, pois dá sentido de utilidade e valorização, aumenta a auto-estima e também cria energias para que próximos desafios possam ser vencidos.

3.4 Liberdade para pedir ajuda: a importância da confiança.

Uma equipe plena consegue desenvolver um ambiente de confiança, no qual o resultado do conjunto de profissionais é maior do que a soma individual. Pedir ajuda

significa a intenção de não errar, e a atenção dispensada por quem pode ajudar significa ensinamento e apoio. Esse efeito se multiplica e reflete-se em processos eficazes e cliente interno ou externo satisfeitos.

3.5 Delegar responsabilidades e apoiar realizações: autonomia e tomada de decisão.

Em uma equipe vencedora, as funções são distribuídas entre seus integrantes, que assumem a responsabilidade de executá-las. Também são estabelecidos graus de autonomia para tomada de decisão. Essas atitudes facilitam a realização do trabalho, além de conferirem transparência e segurança. Essas práticas de equipes vencedoras deixam claros os benefícios para a organização, principalmente no que diz respeito à melhoria das condições para realização das estratégias de ensino, aumento da sinergia entre todos, melhoria no ambiente de trabalho e aumento da satisfação do público alvo.

Ao trabalhar em equipe tenhamos em mente três regras simples:

- Faça a sua parte da melhor forma possível;
- Valorize, respeite e considere o trabalho do outro.
- Não perca o senso coletivo.

Trabalhar em equipe exige cooperação e isso pode ser considerado um valor profissional. As resistências podem aparecer manifestarem-se por medo ao diferente ou por uma exposição a qual não se está acostumado, mas será nessa cooperação que poderão surgir as soluções para problemas e apoio afetivo e efetivo aos desdobramentos de uma realidade inclusiva ou não em suas diversas formas de representação.

Perrenoud (2000, p.82) distingue três grandes competências, a partir de Gather Thurler:

Saber trabalhar eficazmente em equipe e passar de uma “pseudo-equipe” a uma verdadeira equipe.

Saber discernir os problemas que requerem uma concepção intensiva. Ser profissional não é trabalhar em equipe “por princípio”, é saber fazê-lo conscientemente, quando for mais eficaz. É, portanto, participar de uma cultura de cooperação, estar aberto para ela, saber encontrar e negociar as modalidades ótimas de trabalho em função dos problemas a serem resolvidos.

Saber perceber, analisar e combater resistências, obstáculos, paradoxos e impasses ligados à cooperação, saber se auto-avaliar, lançar um olhar compreensivo sobre um aspecto da profissão que jamais será evidente, haja vista sua complexidade. Gather Thurler (apud PERRENOUD, 2000, p. 82).

Mas também é preciso refletir que nem sempre todos os envolvidos possuíram

uma postura flexível que compreenda a real necessidade de um trabalho em equipe, o acordo e respeito de certos procedimentos e atitudes causaram estranheza e resistência, será importante deixar claro o que realmente se deseja os objetivos a serem alcançados e os meios para se chegar a determinado fim. A partir do momento que todos compreenderam que a rede de cooperação só será possível quando todos entenderem seu real papel e função diante de uma situação/problema, essa rede de cooperação conseguirá apresentar resultados e soluções que serão fundamentais na resolução da situação/problema. *“Uma equipe perde o vigor se não consegue trabalhar sobre o trabalho”* Acrescenta-se que:

O verdadeiro trabalho de equipe começa quando os membros se afastam do “muro das lamentações” para agir, utilizando toda a zona de autonomia disponível e toda a capacidade de negociação de um ator coletivo que está determinado, para realizar seu projeto, a afastar as restrições institucionais e obter os recursos e os apoios necessários. Hutmacher (apud PERRENOUD, 2000, p.89).

Um dado importante é que o amadurecimento de uma equipe, sua estabilidade, a serenidade das pessoas que a compõem garantira seu funcionamento. Os conflitos são inerentes às relações humanas será preciso mediar os que os reúne e o que os separa, ter uma real clareza dos conflitos que surgem ser menos emocional e sempre fazer prevalecer os reais objetivos e desafios diante de uma real necessidade.

4 | METODOLOGIA

O presente artigo propõe-se a uma reflexão referente ao trabalho em equipe no que se refere à inclusão escolar, com base em alguns autores reconhecidos por suas pesquisas procurando traçar um paralelo na questão inclusiva e seu desafio nos ambientes escolares.

Nessa perspectiva buscamos apontar alguns caminhos para que esses sujeitos sociais percebam-se como agentes do processo inclusivo, propondo caminhos e articulações possíveis em harmonia com seus pares e posicionando-se diante do tema inclusão em pleno século XXI.

5 | CONSIDERAÇÕES IMPORTANTES

Ao discutirmos os desafios da inclusão em nossas escolas, abrimos um leque de possibilidades, mas precisamos direcionar as reais possibilidades de sucesso, e evitar os fracassos, a inclusão em todas as suas dimensões é uma realidade muito bem vinda, as diferenças nos unem e fortalecem, são nessas relações que a sociedade se forma e se mobiliza sempre na busca constante de um mundo melhor, menos

intolerante, menos preconceituoso e acima de tudo respeitando a todos e a todas como parte de um todo.

É preciso ter um olhar organizacional para a escola, entende-la como uma instituição que presta um serviço, independentemente de ser público ou não, os profissionais envolvidos precisam mudar sua postura e começarem a aprender a se posicionar como um agente de mudanças que prestam um serviço e esse serviço esta diretamente ligado a formação de futuros cidadãos e profissionais de tantas outras áreas, pertencentes a uma sociedade em constante transformação, um novo posicionamento se faz urgentemente necessário, tomar para si a responsabilidade de sua escolha profissional parando de só achar que os órgãos públicos é que são os responsáveis pelo desenvolvimento e desempenho satisfatórios.

Esta chegando um momento de crucial mudança nas relações, sem duvida ao pagarmos os impostos queremos serviços de qualidade e os setores públicos são responsáveis por esta qualidade, só precisamos rever algumas posturas e encarar as escolhas que já foram feitas em termos profissionais e assumir o inesperado de uma profissão feita de muitos desafios, frustrações, dedicação, amor, perseverança, esperança e mais do que nunca de união.

O fortalecimento de uma equipe poderá ser um grande diferencial nos caminhos de ensino aprendizagem de uma instituição escolar ou não. Pessoas sempre serão o grande argumento para as atitudes que precisam ser tomadas, são elas a base do reconhecimento e sucesso de todos os envolvidos no processo. Aprender a compartilhar e argumentar, refazer, reavaliar comportamentos e habilidades poderá transformar um grupo de trabalho em uma equipe com resultados positivos e inovadores.

E neste contexto de inclusão observar estas práticas poderá se tornar um diferencial nas relações aluno-professor-escola, encontrar no outro apoio e retribuir ajudando, com certeza facilitara o trabalho e acrescentara um diferencial humano e intelectual a todos os envolvidos.

A conexão e criação de uma rede formada por uma equipe pedagógica, que realmente apresente um trabalho em equipe, dividindo, somando, multiplicando saberes e experiências, compartilhando problemas e soluções, procurando o equilíbrio entre frustrações e realizações, poderá tornar os ambientes escolares menos desgastantes e muito mais produtivos e realizadores de projetos inclusos envolvendo toda a comunidade escolar.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. LDB – **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.**

CHIAVENATO, Idalberto. **Gestão de Pessoas: e o novo papel dos recursos humanos nas organizações.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2004 – 2ª Reimpressão.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à pratica educativa.** São Paulo: Paz

e Terra, 1996.

GRAVATAÍ, Prefeitura Municipal de. Secretaria Municipal de Educação - SMED. **Teoria & fazeres: caminhos da educação popular**. Gravataí, SMED, 2004. V.10: Educação Especial. 112p.

LEITE, Sérgio Antônio da Silva, (Org.). **Afetividade e práticas pedagógicas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA, Portal .**Declaração de Salamanca**

(2011). Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf> MEC Jan. 2011. (acesso em 06 de fevereiro de 2017).

PERRENOUD, Philippe. **10 Novas competências para ensinar**. Porto Alegre: ArtMed, 2000.

RIBEIRO, Amélia Escotto do Amaral. **Pedagogia empresarial: atuação do pedagogo na empresa**. RJ: Wak, 2007.

VELHO, Gilberto; ALVITO, Marcos (Org.). **Cidadania e violência**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ; Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996.

SOBRE A ORGANIZADORA

Solange Aparecida De Souza Monteiro - Mestre em Processos de Ensino, Gestão e Inovação pela Universidade de Araraquara - UNIARA (2018). Possui graduação em Pedagogia pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupunga (1989). Possui Especialização em Metodologia do Ensino pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupunga (1992). Trabalha como pedagoga do Instituto Federal de São Paulo campus São Carlos (IFSP/ Câmpus Araraquara-SP). Participa dos núcleos: -Núcleo de Gêneros e Sexualidade do IFSP (NUGS); -Núcleo de Apoio às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNE). Desenvolve sua pesquisa acadêmica na área de Educação, Sexualidade e em História e Cultura Africana, Afro-brasileira e Indígena e/ou Relações Étnico-raciais. Participa do grupo de pesquisa - GESTELD- Grupo de Estudos em Educação, Sexualidade, Tecnologias, Linguagens e Discursos.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-118-3

